

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

MARÍLIA DIAS FERREIRA

**ALPHONSUS DE GUIMARAENS:**  
O vocabulário neológico em sua obra

Uberlândia  
2007

MARÍLIA DIAS FERREIRA

ALPHONSUS DE GUIMARAENS:  
O vocabulário neológico em sua obra

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Linguística – Curso de Mestrado em Linguística, do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Linguística.

Área de Concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

Orientador: Prof. Dr. Evandro Silva Martins

Uberlândia  
2007

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

F383a Ferreira, Marília Dias, 1962-  
Alphonsus de Guimaraens : o vocabulário neológico em sua obra /  
Marília Dias Ferreira. - 2007.  
171 f.

Orientador: Evandro Silva Martins.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia,  
Programa de Pós-Graduação em Linguística.  
Inclui bibliografia.

1. Neologismos – Dicionários – Teses. I. Guimaraens, Alphonsus de,  
1870-1921 - Crítica e interpretação. I. Martins, Evandro Silva. II.  
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em  
Linguística. III. Título.

---

CDU: 801.316.1

**MARÍLIA DIAS FERREIRA**

**ALPHONSUS DE GUIMARAENS:  
O VOCABULÁRIO NEOLÓGICO EM SUA OBRA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em  
Linguística – Curso de Mestrado em Linguística, do  
Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de  
Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título  
de mestre em Linguística.

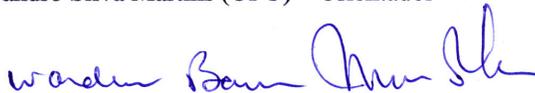
Área de Concentração: Estudos em Linguística e Linguística  
Aplicada.

Orientador: Prof. Dr. Evandro Silva Martins

Dissertação apresentada, em 03 de julho de 2007, à Banca Examinadora constituída pelos  
professores:



Prof. Dr. Evandro Silva Martins (UFU) – Orientador



Prof. Dr. Waldenor Barros Moraes Filho (UFU)



Prof. Dra. Kênia Maria de Almeida Pereira (UNITRI)

Uberlândia – Minas Gerais

Dedico este trabalho a minha mãe, D. Evonília, presença marcante em toda a minha vida, com sua máxima, que acredito nem ser de sua autoria: “o saber não ocupa lugar!” sempre me estimulando a estudar um pouco mais..., ao meu querido Antônio Cirilo, e aos meus filhos amados: Maria Luísa e Matheus Henrique, pelo carinho solidário que os três me dedicaram durante estes três anos.

## **AGRADECIMENTOS**

*A Deus, que sempre foi meu guia, dadivando-me com luz e oportuna sabedoria.*

*À Universidade Federal de Uberlândia, em particular ao Instituto de Letras e Lingüística, onde, na vivência cotidiana com professores, funcionários e colegas pós-graduandos, encontrei todas as orientações de que precisei para chegar a essa página e a todas que a sucedem.*

*Ao meu estimado mestre, Prof. Dr. Evandro, por tudo que o constitui enquanto educador, orientador e ser humano, que é, sem dúvida, um presente celestial concedido a todos aqueles que receberam a ‘privilegiada’ graça de tê-lo tido como um dos agentes contribuidores de sua formação, como eu.*

*À querida Prof.<sup>a</sup> Alice, pela nova visão de mundo que me deu de forma tão firme e sutil.*

*Ao meu querido Prof. Magalhães, pelas portas que me abriu dando-me um pouco de conhecimento na área de Fonologia; pela sua cortesia, e, por aquilo que de mais nobre pode um ser humano levar consigo a todo lugar – a sua enorme boa-vontade.*

*À UNIUBE, pelo departamento de obras raras; e aos funcionários da biblioteca da UNIUBE, em especial, à Márcia e sua equipe, pela paciência e pela receptividade.*

*A todos os meus familiares e amigos, que torceram por mim sempre, especialmente minha tia Eurípida, minha irmã Marilú, o primo Enildo e o meu querido sobrinho, Tiago.*

*A Hedy, por sua orientação, e grande ajuda nos textos de Língua Francesa.*

*Ao Curso de Inglês Michigan, de Uberaba, pela constante e fraterna solidariedade.*

*Ao Colégio Objetivo de Uberaba, pela parceria e apoio que me dispensaram.*

*A minha “amiga-irmã” Zeza, por ter sido sempre a mãe-fiel dos meus filhos na minha ausência física e, até mesmo, na minha presença virtual.*

*À tia Nenzinha por toda sua colaboração, primeiro com os meus filhos, e depois comigo mesma, socorrendo-me sempre; e à minha querida tia Anésia, pelo exemplo de força.*

*Aos meus filhos, Maria Luísa e Matheus Henrique, por todas as vezes que os deixei sozinhos – sem mim – pela compreensão e apoio. Eu espero que um dia eles me perdoem, com compreensão, por todas as minhas ausências.*

*Ao companheiro de todas as horas, Antônio Cirilo, pela solidariedade fiel no meu empreendimento, pela força constante, pela compreensão, por todas as vezes que foi preterido, e não fez cobranças, deixando-me segura e forte; e pelas horas cansadas em que fazia vista grossa aos meus “stresses” e “pitis”.*



*Alphonsus de Guimaraens*

(1870 – 1921)

*Uma das coisas que mais chamam a atenção na obra de Alphonsus é seu conhecimento da língua. O idioma em suas mãos é um instrumento dócil, e riquíssimo. Às vezes, por necessidade poética, principalmente como recurso de evasão, ele usa formas arcaicas, outras vezes, ele cria, com grande independência e propriedade, palavras ou compostos novos (**neologismos**), como: beira-céu, flordelisado e confessanda.*

(MELO, 1958, p. 15, destaque nosso).

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo fazer o levantamento do vocabulário neológico na obra de Alphonsus de Guimaraens para oferecer uma parcela de contribuição na criação de um glossário lingüístico, trazendo subsídios para a confecção do Dicionário dos Neologismos Literários do Português do Brasil, um projeto-maior do professor doutor Evandro Silva Martins. Esta é uma pesquisa bibliográfica, que consiste no estudo de alguns processos de criação neológica, apoiada na poesia e na prosa de Alphonsus de Guimaraens. Parte-se da hipótese de que, Alphonsus de Guimaraens, através de sua criação neológica, promove um certo resgate da Língua Portuguesa, seja revisitando significados, seja criando novos significados para significantes já existentes, seja criando novos significantes. O neologismo semântico parte, normalmente, de uma base lexical já existente na língua; porém assume um novo sentido devido a sua nova contextualização. Por isso, a grande importância do contexto para a boa interpretação neológica. Visando alcançar os objetivos específicos da pesquisa, faz-se a checagem da contribuição de Alphonsus de Guimaraens para o léxico da língua e quais os neologismos semânticos, em sua produção literária, capazes de subsidiar a elaboração do dicionário proposto. Metodologicamente, em primeiro lugar, faz-se um levantamento dos possíveis neologismos na obra do autor; depois confere-se a sua existência nos dicionários eleitos como *corpus* de exclusão; daí, elege-se os vocábulos que constituem o glossário, verificando-se o gênero e o número de ocorrências dos vocábulos encontrados. Em seguida, faz-se uma listagem das bases existentes no *corpus* de exclusão, e, por fim, faz-se uma análise das notas lingüísticas e/ou culturais em torno destes vocábulos, seguida de uma análise dos sentidos dos mesmos dentro daquele contexto. Os resultados confirmam a hipótese da criatividade neológica de Alphonsus de Guimaraens, especialmente fundamentada pela estética literária do simbolismo, assim como os objetivos da nossa pesquisa. Conclui-se que a grande criação neológica de Alphonsus de Guimaraens se dá, também, pelo momento histórico, político e literário (de busca profunda dos valores perdidos nos mais profundos estados de alma) em que viveu este autor. Portanto se vê a soberania do contexto como explicativo do novo e re-significância do velho. A contribuição de Alphonsus de Guimaraens para a perenização dos neologismos literários encontrados no Português do Brasil terá, sem dúvida, de acordo com o observatório neológico delimitado pelo projeto-maior, um lugar de destaque naquele dicionário.

Palavras-chave: Estudo dos processos de criação neológica. Mapeamento do vocabulário neológico em Alphonsus de Guimaraens. Glossário. Análises de sentido dos neologismos encontrados.

## ABSTRACT

The aim of this work is to map the neologic vocabulary in Alphonsus de Guimaraens's literary production to offer a contribution towards the creation of a linguistic glossary adding to the Dictionary of the Literary Neologisms of the Brazilian Portuguese by professor Evandro Silva Martins. This is a bibliographical research in which it is done the study of some processes of the neologic creation, sustained by Alphonsus de Guimaraens's poetry and prose. It is started from the hypothesis that Alphonsus de Guimaraens, through his neologic creation, promotes a certain rescue of the Portuguese Language, either by revisiting meanings, or by creating new meanings for old words, or even creating new words. The semantic neologism usually comes from a lexical basis previously existent in the language; however it assumes a new sense, due to its new context. Therefore, there is a great importance of the context for the good neologic interpretation. Seeking to reach the specific objectives of this research, we look for checking Alphonsus de Guimaraens's contribution for the lexicon of the language and which of his semantic neologisms are capable to subsidize the elaboration of the proposed dictionary. Methodologically, it is made, firstly, a neologic extraction in the author's work, then we check their appearance in the dictionaries that are selected as the *corpus* of exclusion. Next, we choose which words may form the glossary checking the gender and how many times these words occur. Then it is made a listing of the existent bases in the *corpus* of exclusion and, soon after, it is made an analysis of the linguistic or cultural notes around these words followed by an analysis of the sense of the same ones inside of that context. The results prove the hypothesis of Alphonsus de Guimaraens's neologic creativity, particularly founded through the literary esthetics of the Symbolism, as well as the aims of our research. It is also inferred that Alphonsus de Guimaraens's great neologic creation happens, in consequence of the historical, political and literary moment (of profound search of the lost values in the deepest soul states) in which this author lived. Hence it can be seen the sovereignty of the context as explanatory of the new terms and re-significance of the old ones. Alphonsus de Guimaraens's contribution for the perennality of the literary neologisms found in the Brazilian Portuguese will have, no doubt, according to the neologic observatory delimited by the major project by professor Evandro, a distinguished place in that dictionary.

Key words: Study of the processes of the neologic creation. Mapping of Alphonsus de Guimaraens's neologic vocabulary. Glossary. Analyses of the sense of the found neologisms.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	10-16
2	SIMBOLISMO E ALPHONSUS DE GUIMARAENS.....	17-25
3	REVISÃO DA LITERATURA TEÓRICA .....	26-58
4	LEXICOGRAFIA: Dicionários e Glossários .....	59-66
5	APRESENTAÇÃO DO GLOSSÁRIO E ANÁLISE DOS NEOLOGISMOS ENCONTRADOS EM GUIMARAENS .....	67-156
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	157-160
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	161-163
	ANEXOS:	
	A- Trechos originais dos autores franceses (citações em números sobrescritos) ...	164-170
	B- História iconográfica de Alphonsus de Guimaraens .....	171-180
	C- Cronologia: Vida e obra do autor.....	181-183
	ÍNDICE ANALÍTICO DAS ENTRADAS NO GLOSSÁRIO .....	184-185

## 1. INTRODUÇÃO

A presente proposta de pesquisa busca, especificamente, oferecer uma parcela de contribuição para a criação de um glossário, para subsidiar a confecção do Dicionário dos Neologismos Literários do Português do Brasil, projeto-maior do nosso orientador, professor doutor Evandro Silva Martins.

A proposta é de realização de um levantamento do vocabulário neológico extraído da poesia e da prosa do simbolista Alphonsus de Guimaraens, doravante A. de G. Em seguida, construímos um glossário a partir da observação dos neologismos encontrados para, posteriormente, subsidiar o dicionário mencionado (que envolve outros literatos), e, conseqüentemente, tornar estes neologismos perenes através de suas definições, no Português do Brasil.

Como consideramos que toda pesquisa inicia-se por uma certa problematização, a presente proposta buscou responder às seguintes questões: **Qual a contribuição de Alphonsus de Guimaraens para o léxico da língua? Quais os neologismos semânticos encontrados em Alphonsus de Guimaraens, capazes de subsidiar o observatório dos neologismos literários do Português do Brasil?**

Pudemos concluir com base na análise de Lakatos e Marconi (2004), que possibilita a compreensão do conceito de problema, que as questões supra elencadas preenchem os requisitos de viabilidade, relevância, novidade e oportunidade. Viabilidade, porque são possíveis de se responder, através da pesquisa; relevância, pela contribuição que dará aos consulentes; novidade, por se adequarem aos níveis atuais do desenvolvimento científico; e oportunidade, porque correspondem ao anseio tanto individual, da pesquisadora, quanto do seu orientador, já que possibilitam oferecer respostas a um projeto mais amplo, que é a confecção do dicionário acima citado.

Ainda com base nas autoras referidas, a problematização apresentada na presente pesquisa se caracteriza por “um estudo descritivo, de caráter informativo, explicativo ou preditivo” (LAKATOS; MARCONI, 2004, p. 159). Por isso, acreditamos que ao encontrar respostas sólidas para a nossa problemática, estaremos cumprindo o nosso papel enquanto pesquisadores ansiosos por contribuir com as gerações futuras na leitura de obras que, muitas vezes, são inacessíveis em virtude do léxico que foi utilizado pelo artista-criador.

*Para atingir tal propósito realizamos um estudo dos vocábulos considerados neológicos, pelo não-atestamento nos seguintes dicionários:*

1º) de época:

i- Dicionário da Língua Portuguesa – Antônio de Moraes Silva, 5ª ed., 1844, Lisboa; Tomo I – A>E; Tomo II – F>Z;

ii- Grande Dicionário Portuguez ou Thesouro da Língua Portuguesa pelo Frei Domingos Vieira dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho, 5 volumes: Vol. I – 1871; Vol. II – 1873; Vol. III – 1873; Vol. IV – 1873; Vol. V – 1874, Porto; e

2º) em dois dicionários atuais:

i- Dicionário Eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa, 1.0 – dez./2001, Instituto Antônio Houaiss, Ed. Objetiva Ltda;

ii- Novo Aurélio – O Dicionário da Língua Portuguesa – séc. XXI, versão 3.0 – Ed. Nova Fronteira, AE (Aurélio Eletrônico), 1999.

A produção literária de A. de G. aconteceu entre 1899 e 1921 (ano de seu falecimento), e em 1923 publicou-se sua primeira obra póstuma, ainda revisada pelo próprio A. de G. Isso justifica a escolha de tais dicionários (dois precedentes às suas criações, e dois posteriores, que nem precisariam ser os atuais) para subsidiarem o *corpus* de exclusão. Isto significa que as palavras que não foram encontradas nos dicionários de exclusão foram consideradas neologismos e, se habilitaram para constituir o glossário. Não fechamos a possibilidade de que tais palavras não possam estar registradas em outros dicionários existentes, porém, não-inclusos em nosso *corpus* de exclusão.

A partir de pressupostos teóricos sobre neologismos, encontrados em vários autores citados na bibliografia, especialmente Guilbert (1975), Boulanger (1979), Barbosa (1981), Sablayrolles (1996), Leonel (1997), Biderman (2001) e Alves (2002), nós destacamos os diversos neologismos, das poesias e da narrativa de A. de G., obedecendo ao critério da exaustividade.

Para Guilbert, a neologia lexical é definida pela possibilidade de criação de novas unidades lexicais, respeitando-se as regras de produção inclusas no sistema do léxico. Para estudar a neologia lexical é preciso definir um método de reconhecimento de neologismos ao longo do tempo – daí o grande papel do dicionário. Primeiramente, coloca-se a forma lexical dita como nova numa tomada sincrônica. Em seguida, avalia-se um período anterior e o posterior, diacronicamente, para assegurar que a unidade lexical está atestada ou não. Guilbert, também, estabelece alguns critérios para avaliar a aceitabilidade do neologismo.

Já Barbosa (1981) caracteriza o neologismo como um signo lingüístico de dupla face: significante e significado. Na criação neológica, esse bi-facetamento modifica, ao mesmo tempo, os dois componentes.

Biderman (2001), por sua vez, explica a incapacidade dos lexicógrafos de registrarem todos os vocábulos e significados usuais da língua em seus dicionários devido ao processo de constante renovação lexical. Ela acredita que faz parte da essência da linguagem (ou do homem?) a busca constante de expressividade máxima.

Sablayrolles presenteia este trabalho com o estudo dos hápax nas obras literárias e explica a difusão das neologias.

Além deles, Boulanger cita os três grandes modos de criação das neologias lexicais estabelecendo uma tipologia geral: neologia da forma, neologia do sentido e o empréstimo.

Retornando a Guilbert (1975), ele afirma que o neologismo semântico é aquele que enfoca uma nova criação a partir de uma base já existente, ganhando novos significados, num contexto novo. Portanto, vamos focar ao longo do trabalho de pesquisa respostas especialmente para as seguintes questões:

- a) De que tipo pode-se considerar os neologismos semânticos criados por A. de G.?
- b) Ao criar novos sentidos para as palavras, quais as funções mais freqüentes dos neologismos encontrados em A. de G.?
- c) Os desvios no sistema de criação de palavras dentro da obra de A. de G. são mais facilmente encontrados em seus poemas ou em sua narrativa?
- d) Na criação dos neologismos, o autor sofreu influência da escola simbolista?
- e) Com que freqüência os neologismos encontrados em A. de G. podem ser descritos como sendo neologismos de sentido?
- f) Alguns dos neologismos de A. de G. podem ser considerados como *hápax*?
- g) Qual poderia ser a contribuição tanto qualitativa quanto quantitativa de A. de G. para a confecção de um glossário e posterior entrada num dicionário dos neologismos literários da Língua Portuguesa?

Partimos da hipótese de que a ampla criação e uso de neologismos em sua obra, A. de G. promove um enriquecimento da Língua Portuguesa, seja revisitando significados, seja criando novos significados para significantes já existentes, seja criando novos significantes, processos que são considerados relevantes na criação de um glossário e conseqüente confecção de um dicionário de neologismos. Porém, pudemos atestar que A. de G. não só

conseguiu promover um enriquecimento da língua, como também destacou, com arte e criatividade, a estética simbolista entoando ritmo aos seus poemas, criando rimas, ajustando a metrificação, dando asas à imaginação, à loucura, ao sonho e ao inconsciente.

O objetivo geral da nossa pesquisa buscou mapear os neologismos encontrados em A. de G. visando à realização de um glossário dos neologismos semânticos, tendo como suporte alguns de seus poemas e a sua prosa, considerando-se, principalmente, a possibilidade de subsidiar o Dicionário dos Neologismos Literários do Português do Brasil.

Os objetivos específicos dessa pesquisa nortearam todo o nosso trabalho, guiando-nos e orientando-nos na busca de atingir os seguintes propósitos:

- a) Coletar possíveis neologismos e analisar processos de criação de neologismos semânticos na poesia e na prosa de A. de G.;
- b) Destacar os neologismos criados por ineditismo;
- c) Definir, por meio de amostragem, os contextos de maior ocorrência dos referidos neologismos;
- d) Verificar a natureza, a função e usos dos significados que compõem o glossário de neologismos do autor citado;
- e) Decidir sobre quais os neologismos estudados podem ser caracterizados como referenciais na elaboração de um dicionário de neologismos.

Esta pesquisa se justifica pela realização de uma análise da obra de A. de G., do ponto de vista da criatividade lexical, que nos aponta um escritor que pode ser considerado uma espécie de infrator da norma, do uso cristalizado da língua; ou seja, é um explorador das possibilidades latentes do acervo de sua própria língua e, com isso, confere existência concreta a algo que só existia potencialmente.

A riqueza vocabular criada por A. de G. nunca foi suficientemente estudada e tentar esgotá-la em todas as nuances de sua criação é para nós uma tarefa premente e necessária. A realização de tais estudos é de grande relevância, uma vez que o mesmo ofereceu contribuições de mais larga importância em relação ao enriquecimento da língua, fato que era considerado uma grande preocupação no contexto do Simbolismo, escola a que pertenceu o escritor.

A obra de A. de G., objeto de estudo desta pesquisa, oferece vasto manancial de ocorrências de neologismos. Em cada verso de seus poemas e em cada linha das suas narrativas há exemplos de processos de revitalização da linguagem que proporcionam grande

contribuição aos estudos da lingüística. Assim, o valor deste trabalho lhe é conferido pela possibilidade de oferecer contribuição aos estudos lexicológicos e lexicográficos, caracterizando-se como referencial para a realização de um *glossário* de neologismos da literatura brasileira, com base na análise desse processo de enriquecimento do idioma.

*Além disso, por meio dessa análise, talvez se possa contribuir, também, para o trabalho dos professores do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, no sentido de facilitar a compreensão de textos de A. de G. pelos alunos e seu conseqüente interesse pela leitura do poeta mineiro, considerado de interpretação difícil.*

Tudo isso somado ao que, talvez, seja o mais sólido argumento justificador desta pesquisa, que é o grande fascínio da pesquisadora pela escola simbolista, fazem deste trabalho uma tarefa que engaja compromisso e dedicação desmedidos.

Metodologicamente, partimos de pressupostos teóricos sobre neologismos, encontrados em autores como Coutinho (1962), Guilbert (1975), Boulanger (1979), Barbosa (1981), Carvalho (1984), Sablayrolles (1996), Leonel (1997), Alves (2002), e vários outros citados na bibliografia, destacando os diversos neologismos, da prosa e das poesias de A. de G., obedecendo à frequência de uso.

Fizemos uma pesquisa bibliográfica usando materiais primários (escritos e documentos originais), e secundários (escritos e documentos comentados por outros autores).

Seguimos uma metodologia mista de análise, apresentando o método estatístico e o fenomenológico como complementares, posto que nossa pesquisa se deu quantitativamente (mensurando numericamente os neologismos encontrados), e qualitativamente (visando uma interpretação ou análise contextual dos neologismos).

Nossa pesquisa evoluiu-se acompanhando os seguintes passos metodológicos:

- 1.º - Leitura da obra assinalando na *ponta-do-lápis* todos os possíveis vocábulos neológicos baseados no desconhecimento da pesquisadora. Fizemos, também, um fichamento simultâneo destes possíveis neologismos.
- 2.º - Primeiro peneiramento: conferência da possível existência dos mesmos nos dicionários atuais – alguns são abonados pelo nosso autor.
- 3.º - O segundo peneiramento: todos aqueles que não foram encontrados nos dicionários atuais foram conferidos nos dicionários de época – alguns foram encontrados nos de época, porém não mencionados nos atuais.
- 4.º - A eleição dos vocábulos não-existentes em nenhum dos dicionários como elementos constitutivos do nosso glossário. Apenas 3 vocábulos presentes em algum dos dicionários

foram eleitos para compor nosso glossário porque se mostraram como neologismos semânticos de forma muito evidente naquele contexto.

5.º - Constituição do nosso glossário, apresentando as unidades lexicais novas seguidas da classificação morfológica + o gênero + o n.º de ocorrências + as bases semânticas + a abonação + a análise + o sentido.

Tendo em vista as inúmeras citações bibliográficas de autores franceses, que embasam este trabalho, elas mereceram um anexo especial, logo após as referências bibliográficas. Tal adendo foi denominado de Trechos Originais dos Autores Franceses, com uma representação simbólica sobrescrita, no corpo do trabalho, logo após a tradução dos mesmos. A primeira citação é representada por C-1, seguindo-se uma relação seqüencial até a citação C-69. Lembramos, ainda, que a tradução de tais citações se deu com a colaboração da professora Hedy Lamar de Oliveira, de Uberaba. Com sua parceria pudemos compreender melhor uma parte significativa da literatura teórica envolvendo os estudos neológicos.

Precisamos esclarecer que o deslocamento de tais citações do rodapé, onde elas se situam normalmente, para um anexo extraordinário (Anexo A), acabou sendo necessário com o propósito de facilitar algumas páginas que apresentavam grande quantidade das mesmas.

Para atender à freqüência de uso dos neologismos selecionados, com uma fundamentação teórica pertinente, adotamos o critério da exaustividade, encontrado em Guilbert (1975), segundo o qual,

somos conduzidos, através dos períodos históricos já afastados do presente, a recorrer à comparação dos léxicos, glossários e dicionários. O inventário fundado sobre uma produção escrita de textos não é mais capaz de representar o léxico real de uma época do que um balanço lexicográfico. Ele será significativo sob o aspecto do vocabulário e não do conjunto do léxico (GUILBERT, 1975, p. 34) <sup>(C-1)</sup>.

Os dados coletados foram classificados e analisados, com base nos tipos de neologismos estudados, considerando não só os aspectos estruturais da formação dos neologismos, como também sua carga semântica, destacando-se aqueles de maior ocorrência na obra do autor. O relatório da pesquisa realizada foi elaborado em seis capítulos, subdivididos de acordo com as necessidades impostas por cada item estudado. Em cada capítulo, foram abordados, prioritariamente, os seguintes itens:

I- Um panorama geral da pesquisa: Introdução;

II- A escola literária do autor estudado e sua trajetória de vida e de produção artística:

O Simbolismo e Alphonsus de Guimaraens;

III- A fundamentação teórica dos estudos envolvendo neologismos: Revisão da Literatura Teórica;

IV- Estudos teóricos sobre dicionários e glossários: Lexicografia;

V- Constituição e Análise do *corpus* (Glossário): Apresentação do Glossário e Análise dos Neologismos Encontrados em Guimaraens;

VI- Resultados encontrados a partir dos questionamentos propostos nos objetivos específicos: Considerações Finais.

Apresentamos ao final do trabalho os anexos A, B e C, que se constituíram, respectivamente, das citações em francês; da história iconográfica do autor; e, de um compacto cronológico da vida e obra do autor com o intuito de oferecermos algumas informações complementares circundantes à nossa pesquisa que pudessem ampliar o conhecimento do leitor.

## **2. SIMBOLISMO E ALPHONSUS DE GUIMARAENS**

Este capítulo se fez necessário por que consideramos, também, a importância de um certo enfoque no período literário do Simbolismo, escola a que pertence o escritor mencionado. A hipótese de tal enfoque se deu pelo fato de percebermos que ele poderia oferecer oportunidade de análise do nível de influência deste período literário sobre este escritor, na escolha de suas palavras e, conseqüentemente, nos neologismos por ele criados.

Além disso, o conhecimento da trajetória de vida do nosso autor, foi, também, de suma relevância para analisarmos sua criatividade lexical neológica.

### **2.1 Panorama Geral**

O panorama simbolista evidenciou enormemente a preocupação dos seus escritores com relação ao procedimento na hora de exprimir suas vivências, de ‘representá-las’ sem provocar esvaziamento ou destruição das mesmas. Como afirma Moisés (1966), considerava-se perda de tempo o uso da gramática tradicional, da sintaxe lógica, do vocábulo comum, utilizado de acordo com o dicionário. Pelo contrário, havia uma enorme necessidade de se inventar uma nova linguagem, que se adequasse às novidades emocionais e afetivas próprias de seus escritores, ou então, deveriam resgatar antigas expressões, classificadas como obsoletas, ou reativar outras, cuja gama semântica sofrera desgaste ou estagnação. Assim, eram obrigados a buscar, na metáfora convencional, esconderijos novos ou ainda não explorados. Em decorrência disso, a linguagem do Simbolismo passou a se fundamentar numa gramática e numa sintaxe psicológicas, além de se basear num léxico adequado à expressão dessa estética, recorrendo a neologismos, combinações vocabulares inusitadas, empregos de formas arcaicas e diversos tipos de recursos gráficos. A obra de A. de G., objeto de estudo da presente pesquisa, oferece-nos suporte para verificarmos as ocorrências mencionadas. De acordo com Muricy (1973) e Bosi (1987), faremos a seguir uma tomada histórica, precursores e características do Simbolismo no Brasil e no mundo.

## 2.2 O Simbolismo

O Simbolismo, movimento essencialmente poético do fim do século XIX, representa uma ruptura artística radical com a mentalidade cultural do Realismo-Naturalismo, buscando fundamentalmente retomar o primado das dimensões não-rationais da existência.

Para isso, redescobre e redimensiona a subjetividade, o sentimento, a imaginação, a espiritualidade; busca desvendar o subconsciente e o inconsciente nas relações misteriosas e transcendentais do sujeito humano consigo mesmo e com o mundo.

Reagindo contra o pensamento científico e filosófico dominante na 2ª metade do século XIX, as manifestações artísticas simbolistas põem em xeque as certezas doutrinárias, por exemplo, do positivismo e do determinismo, as quais começam a ruir.

Numa visão mais ampla, tanto no campo da filosofia e das ciências da natureza quanto no campo das ciências humanas, a desconstrução das teorias racionalistas faz-se notar, seja por meio da física relativista de Einstein, da psicologia do inconsciente de Freud ou das teorias filosóficas de Schopenhauer e de Friedrich Nietzsche.

Em termos sociais, políticos e econômicos, a burguesia industrial, após algum tempo de progresso avassalador, desgasta-se com as disputas colonialistas, que evoluem em direção à Primeira Guerra Mundial (1914-1918), quando atingem um momento de culminância.

Na Rússia, com a revolução de 1917 surgem novas relações de poder; tenta-se pela primeira vez a construção de uma sociedade socialista, o que ressoa nas contradições do modelo burguês do período.

Na França, pátria do Simbolismo, falava-se em *decadência*, as rivalidades entre monarquistas e republicanos aumentavam e sentia-se a perda da guerra de 1870 contra a Alemanha. Agravavam-se as rivalidades entre a Áustria e a Rússia e a competição anglo-alemã. Cada país europeu buscava ampliar seu poderio militar e melhorar os seus armamentos. Era o fantasma da guerra, que colocava a Europa em estado de vigília.

Assim, o surgimento desse estilo literário por um lado reflete a grande crise dos valores racionalistas da civilização burguesa, no contexto da virada do século XIX para o século XX, e por outro inicia a criação de novas estéticas precursoras da arte da modernidade.

O Simbolismo faz, então, um retorno às tendências espiritualistas, refletindo esse momento marcante na história, percebendo a decadência do racionalismo, do materialismo e do positivismo, que eram insuficientes para se compreender o mundo exterior. O sonho, o inconsciente, a metafísica e a religiosidade ressurgem na busca de um mundo ideal, que se

situa ora no interior do próprio homem, ora no sobrenatural. Ao fugir do racionalismo, o artista, então, mergulha no irracional, cuja expressão exige uma linguagem nova, metafórica e sugestiva.

- **Os precursores**

As primeiras manifestações simbolistas já estavam presentes na coletânea *Parnasse contemporain*, com poemas de Baudelaire, Mallarmé e Verlaine. Porém, é no livro *Les Fleurs du Mal* (As Flores do Mal), de Charles Baudelaire, publicado em 1857, que encontramos as diretrizes da poética simbolista e de quase toda a moderna poesia européia.

Ainda que o símbolo tenha existido sempre em literatura, só no final do século XIX é que o seu uso se intensifica, libertando a palavra de sua carga lógica para expressar profundos sentimentos subjetivos. Segundo Baudelaire,

as imagens não são um ornamento poético, mas uma revelação da realidade profunda das coisas. (MURICY, 1973, p. 53).

A estética simbolista oficializou-se em 1886, com a publicação do manifesto literário do movimento escrito por Jean Moréas (*apud* BOSI, 1987). Nessa ocasião o termo simbolista substituiu a expressão Decadentismo, utilizada para nomear as tendências poéticas antipositivistas, antinaturalistas e anticientificistas, embora a chamada estética decadente ou decadentista, em muitos aspectos próxima do Simbolismo continuasse a ter vida própria.

- **Características**

O Simbolismo surge no final do século XIX como movimento de retomada de alguns ideais do Romantismo. Mas, os simbolistas retomam a subjetividade da arte romântica com outro sentido. Os românticos desvendavam apenas a camada superficial da vida interior, onde ficavam as vivências quase sempre de ordem sentimental. Os simbolistas vão além, descendo até os limites do subconsciente e do inconsciente; o que explica o caráter ilógico, expressão indireta de idéias e emoções, o hermetismo ou o clima de delírio de grande parte de seus poemas.

Apesar da oposição ao Parnasianismo-Naturalismo, correntes literárias apreciadas pela elite social, conservam-se algumas particularidades parnasianas, como a estrutura dos versos, o vasto uso do soneto e a preciosidade no vocabulário. Contudo, sua poesia vai mais além.

Existe a busca constante de uma linguagem mais rica, repleta de palavras novas, com o emprego de novos ritmos que associem, de forma harmônica, a poesia à música. *A música antes de qualquer coisa*, este era o postulado de Verlaine. Ao dotar o poema de expressividade sonora e valorizar o ritmo, a musicalidade, explorando bem o uso da sinestesia, das aliterações, ecos e assonâncias, procura-se aproximar a poesia da música, afastando o poema das referências concretas e instaura-se uma atmosfera vaga, misteriosa e indefinida.

O poeta simbolista não quer só cantar e evocar suas emoções. Ele quer trazê-las de forma mais palpável para o texto, a fim de que se possa senti-las plenamente. Por isso, o uso da sinestesia; isto é, a associação de impressões sensoriais distintas, é amplo. Há também a forte ligação com as cores, ressaltando as sensações que provocam no espírito humano. A cor branca é sempre a mais presente e sugere, entre outras coisas, a pureza; ou o opaco, indiciando a presença de neblina ou nuvem e tornando as imagens poéticas mais obscuras.

Aliás, a obscuridade é uma forte característica simbolista: a realidade é revelada de forma imprecisa, vaga, nebulosa e ilógica. Não há a preocupação de nomear os objetos, e sim evocá-los, sugeri-los. Segundo Mallarmé, citado por Muricy:

Referir-se a um objeto pelo seu nome é suprimir as três quartas partes da fruição do poema, que consiste na felicidade de adivinhar pouco a pouco; sugeri-lo, eis o que sonhamos. É o uso perfeito desse mistério que constitui o símbolo; evocar pouco a pouco um objeto para mostrar um estado de alma, ou, inversamente escolher um objeto e desprender dele um estado de alma por uma série de decifrações. (MURICY, 1973, p. 52).

É o emprego do símbolo, que liga o abstrato ao concreto, o material ao irreal. Servindo como ponte entre o homem e as coisas, o símbolo preserva o domínio da intuição sobre a razão, bem como a exaltação das forças espirituais e místicas que regem o universo, contrária ao Cientificismo, ao Positivismo e ao materialismo naturalista e parnasiano. É o culto ao sonho, ao desconhecido, à fantasia e à imaginação, numa busca pela essência do ser humano, com todos os seus mistérios, seu dualismo (espírito e matéria), a procura da purificação e a referência às regiões etéreas e ao espaço infinito, e seu destino frente à vida e à morte.

De um modo geral, segundo Bosi (1987), os poetas simbolistas acreditam no desregramento dos sentidos e da sexualidade, na liberação da percepção e das emoções, nos delírios e alucinações que libertam a imaginação das amarras institucionais, medíocres e pragmáticas. Para eles a poesia é um ritual mágico, uma combinação alquímica de palavras reveladoras de outras dimensões da existência; é música das palavras, ou, na expressão de

Paul Valéry (*apud* BOSI, 1987), *simbiose do som e do sentido*, feita de ritmo, harmonia, combinações sônicas e onomatopéias.

A poesia simbolista transcende o imediato, o exprimível, o material, para revelar, por meio de símbolos e melodias, o mistério, o culto, o vago, o caos, o alógico, o anárquico, o indefinível e o inexprimível da vida interior, sempre impalpável, desconhecida.

Tais elementos, explicam a expressão “Torre de Marfim”, utilizada muitas vezes de modo pejorativo para caracterizar o componente raro, hermético, culto, aristocrático, estilística e psicologicamente requintado da poesia simbolista.

No entanto, ainda em Bosi (1987), os poetas simbolistas sentem-se porta-vozes de multidões inteiras, alienadas de seu eu-profundo, o qual procuram resgatar numa espécie de estado de transe mediúnico, místico e metafísico.

O Simbolismo antecipa características que seriam marcantes dentro do Modernismo, quando rompe com a linearidade do texto, dando voz ao fluxo da consciência e trabalhando de forma mais desarticulada a palavra e seu significado.

No Brasil, o movimento simbolista não alcançou o êxito obtido na Europa, devido ao forte predomínio da tendência parnasiana em nossa literatura. Esse fenômeno não é difícil de entender: a ênfase no primitivo e no inconsciente desta poesia, seu caráter universalizante e ao mesmo tempo intimista, não respondiam às questões nacionais, que desde a 1ª República vinham se refletindo por meio das tendências racionalistas do Realismo e também do Parnasianismo.

Entre nossos poetas simbolistas (um grande número esquecido até os dias de hoje), os principais expoentes são marcados por Cruz e Sousa, que abre o Simbolismo Brasileiro com a obra *Missal e Broquéis*, e A. de G., o mais místico de todos os nossos poetas, cuja obra nos trouxe a tarefa de uma análise de sua produção neológica nesta pesquisa, e de quem faremos, em seguida, uma breve e importante biografia, sob a ótica do mencionado crítico e estudioso literário, Andrade Muricy.

### **2.3 Alphonsus de Guimaraens (1870 – 1921)**

*AFONSO HENRIQUES DA COSTA GUIMARÃES nasceu em Ouro Preto, na Rua São José n.º 27, em 24 de julho de 1870, filho de um português e de uma brasileira, sobrinha materna do romancista e poeta romântico Bernardo Guimarães. Fez os preparatórios no Liceu, depois Ginásio Mineiro, tendo sido seu Professor de Português o poeta João N.*

*Kubitschek. Com 17 anos iniciou o curso complementar da Escola de Minas.*

Nesse tempo já escrevia versos, e sua fonte inspiradora era sua prima, Constança, filha de Bernardo Guimarães, que logo faleceu, de tuberculose. Em consequência dessa morte, A. de G. viveu uma temporada de boêmia excessiva, chegando, por fim, a parecer também afetado do pulmão. Chegou-se a pensar na ilha da Madeira, mas verificou-se que o caso era menos “poético”, e tratava-se de uma simples bronquite. Começou, então, uma colaboração ativa no *Almanaque Administrativo, Mercantil, Industrial, Científico e Literário do Município de Ouro Preto*, dirigido, em 1890, por Manuel Ozzori.

Foi terminar os preparatórios no Curso Anexo da Faculdade de Direito de São Paulo, em 1890, em companhia de seu maior amigo, José Severiano de Resende. Matriculou-se na Faculdade em 29 de abril de 1891, não aceitando a sugestão paterna de ir se formar em Coimbra. Trabalhou, com Severiano de Resende e Adolfo Araújo, poeta simbolista, também mineiro, famoso jornalista e futuro fundador de *A Gazeta*, e seu fiel amigo, no *Diário Mercantil*, no *Comércio de São Paulo*, no *Correio Paulistano* e principalmente no *Estado de São Paulo*. Projetou, então, um livro, já de feição simbolista, que seria intitulado *Salmos*. Com Severiano de Resende, Viana do Castelo e outros, tornou-se assíduo familiar da célebre “Vila Kirial”, em Vila Mariana, residência esteticista, a *des Esseintes*, do poeta “Jacques d’Avray”, aliás o seu amigo Freitas Vale.

Em 1893 foi criada em Ouro Preto a Academia Livre de Direito de Minas Gerais e o poeta se transferiu para ela, onde colou grau em 15 de julho de 1894. Voltou a São Paulo, onde, em 8 de janeiro de 1895 colou grau em Ciências Sociais.

Viajou, então, para o Rio, com o fim especial de conhecer Cruz e Sousa, segundo Mário Matos, citado por Henriqueta Lisboa, na sua notável conferência sobre A. de G. No Rio, relacionou-se rapidamente, impressionando pelo seu dandismo: cartola de pelo, polainas, monóculo, gravatas de apurado gosto e etc.

De volta, passou por Vassouras, em visita ao seu amigo Lucindo Filho (Raimundo Correia era, então, ali, juiz municipal). Em 13 de março de 1895 foi nomeado promotor em Conceição do Serro, passando a substituto em 17 de junho do mesmo ano.

Casou-se com uma jovem de 17 anos, Zenaide Alves de Oliveira, filha do escrivão da Coletoria Estadual, em 20 de fevereiro de 1897. Tiveram 15 filhos, dentre os quais veio a falecer a mais jovem, que nasceu em 8 de março de 1920, recebendo o nome de Constança (mesmo nome da prima amada), e falecendo em 16 de maio de 1921, dois meses antes do poeta.

Em 1899 publicou, no Rio de Janeiro, os seus dois primeiros livros: *Setenário das Dores de Nossa Senhora e Câmara-Ardente e Dona Mística*.

Em 1900, nova e brevíssima estada no Rio, voltando por Ouro Preto. A. de G. passara a colaborar em *A Gazeta*, de São Paulo, do seu amigo Adolfo Araújo. Em 1902 editou, no Porto, Portugal, o livro *Kiriale*. Suprimido o seu lugar de juiz, em 1903, Adolfo Araújo ofereceu-lhe um posto em *A Gazeta*, tendo A. de G. recusado. Apareceu em 20 de março de 1904 o jornal político *Conceição do Serro*, que foi entregue à direção de A. de G. Nele colaboraram Cruz e Sousa, Severiano de Resende, Archangelus de Guimaraens (seu irmão querido), Horácio Guimarães, e ainda: Raul Pompéia, Olavo Bilac, Coelho Neto e outros. Foi então (Setembro de 1904) novamente nomeado promotor, não lhe sendo possível, porém, exercer as funções de acusador, devido a sua sensibilidade delicada.

Em 11 de fevereiro de 1905 foi nomeado juiz municipal de Mariana, cargo em que estacionou, apesar de magistrado probo e sereno, passando em março por Belo Horizonte, onde conviveu durante poucos dias com os simbolistas da nova geração mineira: Álvaro Viana, irmão do seu amigo Augusto de Viana do Castelo; Edgar Mata; Eduardo Cerqueira; Alfredo de Sarandy Raposo; Carlos Raposo e outros.

De acordo com João Alphonsus, seu filho e biógrafo, não houve acomodação entre o espírito de Alphonsus e o ambiente espiritual da cidade de duzentos anos, mas o encontro perfeito de uma vida humana e de uma vida coletiva de misticismo e sossego. Ficou para sempre em Mariana, de onde continuou a colaborar com *A Gazeta*, de São Paulo, tornando-se assíduo e fiel colaborador de *O Germinal*, periódico de Mariana, ainda hoje publicado; colaboração que também oferecia antes aos jornais do interior, talvez agora ainda mais simpatizado com os humildes e heróicos periódicos dos lugares distantes, depois da experiência com o seu efêmero periódico *Conceição do Serro*. Nos últimos tempos publicou numerosas crônicas no *Diário de Minas*.

Seus pais vieram acolher-se ao lar do filho ilustre, em conseqüência do desastre financeiro do velho comerciante luso septuagenário, e ali faleceram. O pai, em 5 de março de 1908; e a mãe, em 8 de janeiro de 1910.

Em 1915 ocorreu vir ao Brasil José Severiano de Resende, que residia em Paris. Pediu a A. de G. que fosse a Belo Horizonte encontrar-se com ele. Desde 1906 que A. de G. não voltava à capital. Eles se encontraram em setembro e foram triunfalmente recebidos pelos intelectuais, que lhes ofereceram um banquete que marcou época, no dia 25 daquele mês, no Clube Acadêmico.

Publicação de *Mendigos*, em 1920, seu único livro em prosa, contos publicados em vida. Postumamente, fez-se, também, uma coletânea das *Crônicas de Guy D'Alvim*, das quais não me foi possível analisar, nesta pesquisa, os neologismos encontrados. Contudo, a sua

obra em prosa e as suas crônicas, são mais um depoimento sobre o homem que um testemunho do escritor, de acordo com Eduardo Portela (*apud* GUIMARAENS, 2001, p. 17).

Foi encontrado morto na madrugada de 15 de julho de 1921, sendo sepultado no cemitério anexo à Igreja de Nossa Senhora do Rosário, que domina Mariana do alto da mais elevada colina da cidade. Completaria 51 anos no dia 21 daquele mês.

Deixou inéditos três livros: *Pastoral aos Crentes do Amor e da Morte*, *Escada de Jacó* e *Pulvis*. A poesia de A. de G., naquele tempo, teve imediata e profunda influência em Minas. Porém, fora de seu estado, apenas os próceres simbolistas o admiravam. Enquanto isso, a crítica do tempo, primária e simplista, dominada pelo espírito do naturalismo, via com antipatia o misticismo do “solitário de Mariana”.

A sua linguagem guardava ressaibo clássico; o seu verso buscava uma correção que destoava do tumulto, da musicalidade livre, inquieta, irregular, de quase todos os do movimento simbolista. Tal correção, porém, nada tinha de comum com a perfeição artificiosa dos parnasianos. A. de G. foi perfeito realizador do gênero *rimance* (pequeno canto épico) – posto em moda por Álvares de Azevedo, e surpreendentemente renascido no Simbolismo – e do qual “Ismália” seja talvez a obra-prima no Brasil.

A sua poesia nos dá uma visão do mundo “idealizada”, porém não “deformada”, nem “transfigurada”. Ao contrário da impetuosidade de alguns, ou da exaltação cosmogâmica de outros, A. de G. punha surdina nas suas expansões mais fortes. “Como Verlaine, A. de G. prefere a melodia à sinfonia”; escreveu com acerto definitivo Henriqueta Lisboa (1943, p.33, *apud* GUIMARAENS, 2001, p. 18). A melodia de A. de G. é duma pureza quase única dentro do quadro da poesia simbolista. Esta era turvada, quase sempre, pela morbidez requintada, tão próxima, tanta vez – e isso teve grande preço – da musicalidade instintiva que carrega detritos e pepitas de ouro, e foi atravessada por esse caudal de vida subconsciente que veio desembocar na água parada e venenosa do supra-realismo.

O catolicismo de A. de G. era muito mais produto do ambiente religioso em que fora criado e em que vivia do que de influências literárias estrangeiras. De todos os simbolistas, possivelmente, foi o que refletiu mais de perto o estado de espírito que foi o dos *decadentes*, e que fixava exatamente tudo aquilo que iria marcar de maneira característica a obra do poeta ouro-pretano: o desgosto da ação, o esplim, entendido como enfado, melancolia sem causa aparente ou específica; junte-se a isso o pessimismo, sempre exacerbado, e certo ar ao mesmo tempo de cansaço intelectual e de pendor místico – e teremos aí aquilo que está bem refletido na obra de A. de G. e o que caracterizou a poesia dos principais líricos franceses da fase propriamente decadente.

Após o exposto sobre o simbolismo e sobre o autor da nossa pesquisa faremos, em seguida, uma fundamentação com o objetivo de embasarmos, teoricamente, as descobertas neológicas encontradas em nosso levantamento.

### **3. REVISÃO DA LITERATURA TEÓRICA**

Aqui será realizada uma breve reflexão histórica acerca do código lingüístico, a fim de que se compreendam os demais conceitos a serem abordados no presente tópico. Dentre estes conceitos, consideramos importante um debruçar sobre as noções de léxico, língua e linguagem, lingüística e, de modo ainda mais relevante, um aprofundamento na noção de neologismo e na sua contextualização.

Sendo assim, na revisão da literatura, são priorizados os estudos que envolvem não apenas os conceitos de neologismo mas, também, as questões referentes à sua aceitabilidade - os critérios de aceitabilidade tanto dos neologismos quanto da lingüística - , a metodologia de descoberta de neologismos, as regras de análise, tipos de neologia, formas básicas de criação de neologismos, ou seja, os diferentes processos de formação neológica, dentre outras abordagens. Além disso, torna-se imprescindível, também, um enfoque na análise dos conceitos de dicionários e glossários, e na metodologia de suas criações.

Há mais de vinte séculos, Platão já ensinava que tanto a linguagem falada quanto a escrita são representações simbólicas e convencionais e que este caráter do código lingüístico possibilita a compreensão da existência de diversos códigos no mundo. Por ser facilmente decifrado por qualquer falante, dado que os sinais sonoros e significativos articulam-se por meio de uma sintaxe combinatória, é que a atualização desse código não se realiza de modo uniforme; sua variação depende dos indivíduos que compõem a sociedade.

Nesse sentido, entende-se que a linguagem sofra constantes alterações com a evolução da história da humanidade, da mesma forma como se entende a importância e a necessidade de estudos científicos cuja preocupação seja explicar o funcionamento da linguagem humana e as particularidades de cada língua. Para isso, a Lingüística recorre ao trabalho descritivo previsto pelas teorias, bem como utiliza os conhecimentos adquiridos em outras áreas que se valem da linguagem como meio de comunicação. Dentro da tradição do trabalho lingüístico, existem várias áreas de interesse, dependendo do ponto de vista de como é observada a linguagem.

Desse modo, para alcançar os resultados a que se propõe esta pesquisa, o enfoque é lexicológico e lexicográfico, posto que nos atemos aos contributos teóricos da Lexicologia e ao *fazer lexicográfico* da Lexicografia.

Destas contribuições, depreende-se que o léxico é um conhecimento compartilhado pelos falantes de uma língua; constitui-se no patrimônio vocabular de um grupo sócio-lingüístico-cultural. O léxico, considerado como o primeiro caminho a percorrer para se chegar a um texto, segundo Oliveira e Isquierdo (2001), constitui-se como instrumento de revelação do mundo, já que é por seu intermédio que transparecem os valores, as crenças, os

hábitos e costumes de uma comunidade, bem como as novidades tecnológicas, transformações sócio-econômicas e políticas que acontecem numa dada sociedade. A análise descritiva ou sincrônica do vocábulo mórfico visa à descrição de uma engrenagem que opera atualmente, da qual se depreendem seus elementos constituintes conforme a significação e a função elementar a ela atribuídas, na significação e função total do vocábulo.

As constantes mudanças das formas lingüísticas promovem tanto a ampliação quanto a redução, multiplicação ou desaparecimento de vocábulos, promovendo uma fisionomia constitutiva nova de cada forma, em cada fase da língua. Por isso mesmo, pode-se afirmar que o léxico de uma língua está relacionado à história cultural da comunidade. Sendo assim, por meio do acervo lexical de um grupo, pode-se compreender não apenas sua maneira de ver a realidade, como o modo de seus membros organizarem esta realidade e classificarem as diferentes esferas do conhecimento. Dessa forma, por meio do léxico podem-se, também, definir fatos de cultura. Na verdade, o léxico de uma língua natural possibilita o registro do conhecimento do universo, pois o homem, ao nomear os seres e objetos está, simultaneamente, classificando-os; ou seja, a primeira etapa percorrida pelo espírito humano, na busca de conhecimento do universo, é a nomeação da realidade. Quando identifica semelhanças ou discrimina os traços distintivos que individualizam seres e objetos como entidades diversas, por meio da reunião dos objetos, o homem vai estruturando a realidade que o cerca, rotulando essas entidades.

De acordo com Guilbert (1975), o léxico não se constitui apenas como um sistema de criação lexical: debruça-se também sobre as unidades de linguagem ligadas ao universo das coisas, aos diferentes tipos de pensamento, à dinâmica do mundo e da sociedade.

Para Biderman (2001), o léxico das línguas naturais foi gerado pelo processo de nomeação. Ou seja, os atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização das experiências, transformados em signos lingüísticos ou palavras é que possibilitam o processo de geração do léxico como um sistema que se expande abertamente e, por isso, constantemente lhe são incorporadas novas criações vocabulares a que se dá o nome de neologismos.

Novamente em Guilbert (*opus cit.*), encontra-se que a possibilidade de criação de novas unidades lexicais é que define a neologia lexical, tendo em vista as regras de produção inclusas no sistema do léxico. Assim, estudar a neologia lexical consiste também em “reunir um conjunto de neologismos surgidos em um período preciso da vida da comunidade lingüística” (GUILBERT, 1975, p. 31) <sup>(C - 2)</sup>. Deve-se datar os acontecimentos lingüísticos pontuais - as criações lexicais novas - por duas razões: